

A PEDAGOGIA DO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Magali Maria de Sales dos Santos¹

Ingrid de Sales dos Santos²

Resumo : Acreditando que podemos contribuir para desconstruir falsos conceitos referentes aos saberes (conhecimentos) passados nas Comunidades de Terreiros de Candomblé. O presente estudo tem como objetivo comunicar a pesquisa intitulada: A Pedagogia do Terreiro de Candomblé, que tem como objetivo conhecer e analisar as experiências educativas alternativas à educação formal na Comunidade de Terreiro de Candomblé Sindiragombê.

Palavras chaves: Pedagogia, Terreiro de Candomblé, Educação.

¹ Magali Santos-mestranda em Educação e Subjetividade/Sapiens - Faculdade de Ciências Humanas orientada pela Coordenada pela Doutoranda Deyse Luciano.

² Ingrid Sales- Graduanda em Letra Vernáculas/ Bolsista PIBID-LETRAS/ Universidade Federal da Bahia.

Introdução

Ao longo da história da humanidade a educação tem sido concebida de diferentes maneiras, várias são as formas de compreendê-la e conceituá-la. Para uns a educação é vista como um instrumento condutor de saberes, que desenvolve o intelecto do ser, para outros, como salienta Brandão (2000) ninguém escapa da educação, ela encontra-se na família, na igreja, na rua, na escola, etc., ou seja, em todos os espaços de convivência. Ainda de acordo com o autor citado, estamos completamente envolvidos com os processos educativos, seja para aprender e/ou ensinar, para saber ou para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos os afazeres cotidianos com a educação.

Nesta perspectiva a educação emerge da consciência e do trabalho de educar, da categoria do sujeito, da convivência de um com o outro, do saber que é compartilhado, como uma ação de quem sabe-e-faz, para quem não sabe-e-aprende com sua multiplicidade. É desta forma que a educação acontecia nas aldeias e tribos; as crianças aprendiam com o ver e ouvir dos adultos que as acompanhavam, este era o papel dos anciões que aprenderam com as gerações anteriores.

De forma análoga acontece a educação nas Comunidades de Terreiros de Candomblé. Os saberes são compartilhados gradativamente a cada passo dentro dos princípios que orientam cada comunidade.

Assim como a escola as Comunidades de Terreiro de Candomblé são espaços sócio-culturais, em que se percebe o compromisso de acabar ou no mínimo diminuir as desigualdades, desta forma a educação nos terreiros de candomblé vem buscar um repertório educacional que caminhe em direção a um conceito de ser humano que produz história não a partir de grandes sagas e heróis, mas a partir de relações comunitárias vividas e vivenciadas pelos grupamentos humanos. Neste sentido, para uma ação desta envergadura se faz necessário um primeiro passo, que é o de promover o reconhecimento da igualdade sem limite e profundamente radical entre culturas.

Todavia, a instituição escolar, um espaço onde a diversidade étnico-racial e cultural se faz presente na sua amplitude, mesmo com leis e diretrizes

curriculares nacionais que orientam na promoção da educação das relações étnico-raciais, ainda se encontra com um currículo fechado para a diversidade (ARAÚJO, GIUGLIANI, 2014). Os alunos afrodescendentes, por exemplo, desconhecem a importância da educação existente nas suas comunidades de pertencas, dos saberes (conhecimentos) transmitidos nas comunidades de terreiros. Desconhecem também a importância do resgate da sua cultura e a contribuição desta na formação do povo brasileiro, certamente, por desconhecimento da sua história que sempre foi contada de forma estereotipada e discriminatória (MACHADO, 2005).

Assim, através desse artigo, buscamos refletir como se configura “A pedagogia dos terreiros de Candomblé”: Como se dá o aprendizado cotidiano na Comunidade de Terreiro de Candomblé Sindiragombê? A partir da compreensão de que faz-se necessário estudos que apresentem a pedagogia dos terreiros de candomblé, que esclareça aos indivíduos cognoscentes a sua cultura na coletividade, havendo interação entre a religião do candomblé e a educação relacionando a prática educativa. Como também que respeite e valorize a influência e contribuição dos negros e sua religiosidade na cultura brasileira.

Portanto, o estudo busca valorizar a cultura e questionar os conceitos negativos criados ao longo dos anos, discorrendo o direito dos cultos nos terreiros de candomblé, preservando assim, sua identidade. É preciso ver também nas pessoas as diversidades de informações repassadas pela escola para que não reproduzam uma identidade etnocêntrica e não racista referente à educação existente nos terreiros de Candomblé. Para tanto, temos como objetivo geral: Conhecer e analisar as experiências educativas alternativas à educação formal na Comunidade de Terreiro de Candomblé Sindiragombê.

Conhecer e revelar como se dá o aprendizado na vida cotidiana do referido terreiro de candomblé de forma a Identificar os elementos essenciais no conviver em comunidade e como eles são percebidos pelos sujeitos parte da comunidade, assim como, identificar e revelar os saberes e as práticas educativas desenvolvidas na comunidade do terreiro pesquisado, na nossa

compreensão contribuirão para revelar como as religiões de matriz africana contribuem para a construção e valorização da identidade negra.

Acreditando assim, que podemos contribuir para desconstruir falsos conceitos referentes aos saberes (conhecimentos) passados nas Comunidades de Terreiros de Candomblé.

As religiões africanas perpetuaram culturas africanas diversas, manifestando-se nas diferentes regiões do Brasil em diferentes ritos e nomes locais: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, macumba no Rio de Janeiro. O candomblé educa ao iniciar seus adeptos, procura manter a tradição com a legitimidade do culto, herança, fidelidade a um passado transformado em história mítica, que são sinônimos das raízes espirituais do candomblé.

É pelo resgate da fé, pelos princípios do respeito, pela hierarquia existente dentro das famílias que nossas crianças devem ser educadas, para quando cheguem a escola já tenha um entendimento do que seja viver em grupo.

Desta forma a educação nos terreiros de candomblé vem buscar um repertório educacional que caminhe em direção a um conceito de ser humano que produz história não a partir de grandes sagas e heróis, mas a partir de relações comunitárias vividas e vivenciadas pelos grupamentos humanos. Neste sentido, para uma ação desta envergadura se faz necessário um primeiro passo, que é o de promover o reconhecimento da igualdade sem limite e profundamente radical entre uma cultura africana e afrodescendente e uma branca, eurocêntrica, ocidental.

O enfoque não está em enfatizar as relações entre negros, brancos e outros grupos étnico-raciais, isto não nos leva necessariamente a conflitos ou impasses. Há a possibilidades de mediações, de acertos, que permitam uma aproximação de interesses ao mesmo tempo comuns e não-comuns, mas que se fundem na negociação. Portanto, não se pretende pensar em uma sociedade como idílica, harmônica e sem conflito, uma sociedade que negue as desigualdades sociais, raciais e regionais. Além disso, o que se busca não

é simplesmente a troca de uns heróis e divindades por outros, mas uma diretriz educacional que possibilite uma pluralidade de visões de mundo.

Diante destes conceitos a pedagogia educacional do terreiro de candomblé acontece de forma oral interagindo com o lúdico, o corpo, a arte e a religiosidade dentro do mítico, com respeito as tradições dos mais velhos.

No entanto, mesmo reconhecida como religião, o Candomblé ainda é visto e definido por muitos com seita ou algo demoníaco. Quirino (2006) define-o com um culto e uma variante do Sabeísmo chamada de Fetichista, com adições extravagantes de objetos e sinais tão confusos quanto bizarros. Discordando do pensamento de Quirino, acima citado, Lima (2003) conceitua o Candomblé como um termo, abonado nos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, é de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos ou orixás e associados ao fenômeno da possessão ou transe mítico. Transe esse que é considerado, pelos membros do grupo, como a incorporação da divindade no iniciado ritualmente preparado para recebê-la, então Candomblé é sinônimo de terreiro, de casa de santo, de raça.

Conforme Sodré (2003 apud LUZ 2003) a ancestralidade enquanto fonte inesgotável de pulsão, energia, movimento, criatividade e exemplo a ser seguido pelos herdeiros da tradição africana passaram a ser contada de forma lendária e mítica. O princípio de ancestralidade remete à educadora e ao educador para o respeito aos que existiram e aos que virão suas histórias, suas produções consideradas legítimas porque demarcatórias de estágios que se sucedem ininterruptamente. Para o homem da tradição, existir não significa simplesmente viver, mas pertencer a uma totalidade.

Contribuindo com a discussão, trago esse conto de autor desconhecido, discutir pedagogicamente sobre os valores dentro da concepção de justiça:

A Justiça de Xangô

Certa vez, viu-se Xangô acompanhado de seus exércitos frente a frente com um inimigo que tinha ordens de seus superiores de não fazer prisioneiros, as ordens era aniquilar o exército de Xangô, e assim foi feito, aqueles que caíam prisioneiros eram barbaramente

aniquilados, destroçados, mutilados e seus pedaços jogados ao pé da montanha onde Xangô estava. Isso provocou a ira de Xangô que num movimento rápido, bate com o seu machado na pedra provocando faíscas que mais pareciam raios. E quanto mais batia mais os raios ganhavam forças e mais inimigos com eles abatia. Tantos foram os raios que todos os inimigos foram vencidos. Pela força do seu machado, mais uma vez Xangô saíra vencedor. Aos prisioneiros, os ministros de Xangô pediam os mesmos tratamento dado aos seus guerreiros, mutilação, atrocidades, destruição total. Com isso não concordou com Xangô. - Não! O meu ódio não pode ultrapassar os limites da justiça, eram guerreiros cumprindo ordens, seus líderes é quem devem pagar! E levantando novamente seu machado em direção ao céu, gerou uma série de raios, dirigindo-os todos, contra os líderes, destruindo-os completamente e em seguida libertou a todos os prisioneiros que fascinados pela maneira de agir de Xangô, passaram a segui-lo e fazer parte de seus exércitos.

Com esse conto podemos discutir tanto na educação formal quanto na informal o limite entre o ódio e a justiça, para que se descubra o equilíbrio entre eles, pois os grandes líderes são reconhecidos pelos seus grandes atos de bondade e justiça.

Verger (2000) afirma que as Africanidades Brasileiras veem sendo elaboradas há quase cinco séculos, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando-nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as destes.

Os Nagôs que chegam ao país próximo ao fim do tráfico de negros, concentra-se em uma zona rica e bem desenvolvida, dotada de uma florescente economia e de centros urbanos em pleno apogeu, o que permite boas comunicações entre eles e, sobretudo, mais tarde, a constituição de guetos que ajudarão a preservar os costumes trazidos da costa africana (VERGER, 2000, p. 365).

Assim, como observa Machado (2005), os diversos grupos Yoruba não tardariam a estabelecer laços muito estreitos entre eles, os Nagôs, de tal forma que estavam unidos pela semelhança de costumes principalmente pela semelhança de seus cultos. De acordo com a tradição oral, todos se reconheciam originários do mesmo laço mítico, Ilê-Ifê, berço e matriz de onde se propagaram por todo o território do Benin até Atakapame, no atual Togo.

Para Patrocínio (2005) a cultura negra é um dos fatores que pode impedir a escola de pender para a ideologia colonial do supremacismo branco. É preciso enfatizar aqui a necessidade de compreender a educação como uma atividade mediadora no seio de uma prática social.

O exercício educativo que pretende instrumentar o indivíduo, enquanto ser social, para atuar na circunstância histórico-geográfico na qual está inserido. Considerando-se esses aspectos, podemos perceber que o pedagógico proporciona uma educação em que a sistematização do conhecimento nasça da experiência pluricultural da nossa sociedade e permaneça em continuidade com ela, onde o educando use a sua experiência pessoal enriquecida com o que aprende. Neste sentido, como enfatiza Patrocínio (2005, p. 58):

[...] nunca é demasiado destacar o valor e o lugar que a religião ocupa no processo civilizatório negro. A religião se caracteriza como um eixo, um elemento central [...] deste processo. A religião é ponto básico, é fonte de afirmação dos valores civilizatórios negros e núcleo de resistência às variadas formas de aspirações neocolonialistas [...] em relação ao processo cultural, a religião é fonte dinamizadora de um ethos, indicadora de comportamentos e hábitos, enfim de uma maneira negra de ser. Ela estabelece e proporciona uma ética própria. Imprime formas de relações sociais, estipulando formas próprias de organizações e hierarquias, estimula a vida comunal. Estabelece Padrões estéticos próprios e forma específica de comunicação e de acesso ao riquíssimo sistema simbólico, pleno de conhecimentos e sabedorias, caracterizando uma pedagogia negra iniciática. [...] A religião negra constitui-se num ponto de resistência de luta do homem negro em busca de sua libertação e de real e universal integração.

Assim, diante das observações aqui exposta, podemos dizer que a pedagogia utilizada nos terreiros de candomblé está internalizada na sua religiosidade e inserida na educação de modo oral que pode ser

transformada em formal para que os afrodescendentes possam abiscoitar e burilar os pensamentos embutidos nestes terreiros e possam também trilhar um caminho discursivo no qual as descrições densas de fatos históricos possibilitem uma conceituação mais específica utilizada nos terreiros de Candomblé.

A imposição do catolicismo no século XVI a alguns reis africanos, sua submissão aos portugueses; a negação de seus nomes; pelos traficantes; a “árvore do esquecimento”; a prática da divisão do Conde dos Arcos; a demonização de suas culturas; a falta de amparo do Estado Republicano, as políticas do embranquecimento; a “escola baiana de medicina” com suas teorias racistas, a perseguição policial amparada pelo discurso preconceituoso da imprensa, não foram capazes de impedir que as diversas culturas vindas do continente africano, não somente se perpetuassem, mas também se recriassem (JUNIOR, 2005).

Neste constante inventar e, em algumas vezes, por trás da “brincadeira de faz de conta”, apenas para lembrar uma expressão ainda hoje utilizada pelas nossas crianças negras, elementos simbólicos foram juntados a outros que não paravam de chegar do continente africano. O encontro das chamadas culturas negras no Novo Mundo percorreu caminhos diversos e deu respostas imprevisíveis. No catolicismo, o artista negro inovou ao trazer modificação na arte de talhar, não somente atribuindo sentimentos aos seres celestiais, mas lhe conferindo traços negros ou de mulheres negras, ou ainda, enriquecendo o ouro brasileiro com moedas africanas, os búzios (JUNIOR, 2005).

A educação formal na sua construção e validação pela sociedade cientificista no ensino fundamental na Bahia, revelou-se como espaço de negação, de representação e silenciamento das experiências culturais produzidas pelos educandos no mundo “extra muros” escolar, principalmente das crianças afrodescendentes na sua diferença. Na Bahia, de população predominante afrodescendente, ou seja, negra, é difícil compreender que na escola, ela produz conhecimento distanciado de sua experiência principalmente a experiência cultural produzida no interior das comunidades de tradição africana (SANTOS, 2006).

Os religiosos do terreiro de candomblé se fizeram unidos aos seus parentes, através de solidariedade dos cultos. Essa instituição religiosa permitiu a continuidade do legado de valores africanos ocupando um lugar de irradiação de valores que sedimentam a coesão e a harmonia social, abrangendo, relações do homem com o mundo natural através de narrativas míticas, dando origem aos valores e princípios sociais que devem sustentar a prática cotidiana dos seres humanos que participam da comunidade (SANTOS, 2006).

Não se pode conceber educação sem considerar os valores do universo cultural do afro-descendentes sem a preocupação de buscar entender como a base ancestral desse segmento interage, se inter-relaciona com a vida, com o seu ambiente, sem lhes permitir o conhecimento de sua história, de sua ancestralidade, do valor do ambiente natural para seus grupos ancestrais (PINTO, 2005).

A pedagogia de base africana é iniciática, o que implica participações efetivas, plenas de emoção, onde há espaço para cantar, dançar, comer e partilhar. Reverenciam-se os mais velhos, que têm mais axé, o que se traduz como mais sabedoria. Nas culturas negras os mais velhos são sempre os esteios da comunidade, tendo um papel fundamental para as decisões e desenvolvimento do grupo onde o educador pode se inserir transformando a sua sala de aula em um espaço de desenvolvimento e criatividade para o aluno (THEODORO, 2005).

Independente da religião praticada pelo educador, diante dos seus educandos, a sua postura deve ser desprovida de restrições, de preconceitos; deve estar orientada para a construção do respeito às diversas formas que os seres humanos, através dos tempos, têm construído para se relacionar com o que acredita seu Criador ou com o mundo por ele criado, e entre os próprios seres humanos, conforme o pensar, o jeito de conceber, de ver o mundo nas diversas culturas, particularmente naquelas que contribuíram para a formação da nossa cultura local (PINTO, 2005).

Referências

LIVROS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação, Ed. Brasiliense 2000.

PATROCÍNIO, Narcimara Correia do. Por uma Educação Pluricultural (2005, página 58).

REVISTA:

MACHADO, VANDA. Entrevista no Jornal Tribuna da Bahia, 2005.

VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do trafico de escravos entre o golfo e o Benin e a Bahia de todos os santos dos Séculos XVII a XIX, Ed. Corrupio 4º edição Revista 2002.